

## **Reflexões de Coimbra**

**Maputo 13 de Setembro de 2012**

### **Introdução a um slide show**

Quando aceitei vir aqui, falar de arquitectura, por sugestão do Professor Boaventura Sousa Santos e a convite do Arquitecto José António Bandeirinha, não me dei imediatamente conta do que esta ocasião significava para mim.

Pensando, depois, no que haveria de vos dizer e que relevância poderia ter o que eu dissesse, assaltou-me esta noção de que, subitamente, me encontrava numa situação de grande intensidade emocional regressando, como alguém que vale a pena convidar, para expor ideias e realizações, naquela instituição que era para mim, quando daqui parti há quase exactamente 60 anos, o cume da sabedoria.

Mas que relação pode haver entre esta emoção e a relevância do que poderei eu ter a dizer-vos?

Que significa Coimbra e a sua Universidade na minha formação como pessoa e como arquitecto?

E que interesse poderá tudo isto ter para quem, aqui e hoje, me ouve?

Há dimensões que Coimbra entranha num jovem, como eu era, que não mais se apagam.

A primeira é a do respeito pelo saber.

Os nossos verdadeiros heróis , naquele tempo e naquela idade, não eram, prioritariamente, os cowboys, os actores de cinema ou os cantores de rock mas os pensadores, os filósofos, os matemáticos ... e os lentos.

A nossa aristocracia não eram os condes ou marqueses mas os mais inteligentes e os mais conhecedores.

A nossa inveja não era dos ricos nem dos poderosos mas dos artistas e dos cientistas.

Os nossos modelos eram os sábios.

Os nossos irmãos eram os poetas.

Com esta carga de privilegiados preconceitos parti de Coimbra, aos 16 anos, para uma África tão diferente e tão fascinante que, instantaneamente, me abriu um outro mundo e me levou a considerar novos valores e a valorizar outras realidades.

O mar, que eu conhecia da Figueira da Foz, levava, afinal, 23 dias a atravessar e a chuva, em África, caía quando fazia calor. Em Janeiro vinham os ciclones e a natureza era maior do que a cidade.

As pessoas eram divididas por raças e havia-as de todos os tamanhos e feitios.

Joanesburgo era mais importante que Lisboa e falar inglês era o passaporte para uma namorada loira.

A “metrópole” era uma entidade longínqua, por vezes irritante, de que poucos se orgulhavam no esforço de aceder a um mundo de livres pensadores e democratas que não

eram, naquela altura, muito comuns nem bem vistos em Portugal.

O mundo deu muitas voltas desde então mas a pedra morena de Coimbra, as abóbadas românicas da Sé Velha, a elegância da colunata do Museu Machado de Castro, o mistério das Couraças dos Apóstolos e de Lisboa e das ruelas da Alta, a força do renascentista e do barroco e a folie do Jardim da Manga ficaram-me gravadas na memória e na emoção como imagens com a mesma força que os poemas do Pessoa ou do Lorca que o meu irmão mais velho nos declamava à noite quando nos acordava, depois das suas noctívagas peregrinações a um mundo de cultura boémia “ligeiramente” etílica.

Dizia o meu amigo, e companheiro de pensamento e emoção, António Quadros, conimbricense de Santiago de Besteiros, poeta e pintor, davincianamente enciclopédico na competência de tudo o que fez, dizia ele, que “é preciso saber ver o mundo no fundo do quintal”.

Esta arrogância da humildade, que se realiza pela simplicidade de ver o universal no particular, é a grande conquista sobre o provincianismo, que espreita a cada janela dos meios pequenos e que só se vence pela inteligência sensível às dimensões poéticas do drama humano, que não tem idade nem hierarquias.

Coimbra, como meio pequeno que sempre foi, obriga a essa ginástica da inteligência emocionada, tão bem praticada, por exemplo, por um Camus, que era argelino, um Torga transmontano, por Jesus da Palestina e por Mahomé, que

nunca tendo saído da Arábia foi um profeta muito mais revolucionário que o Bin Laden que até estudou na América, o país mais provinciano do mundo.

Estas hiperbólicas metáforas servem apenas para reflectir que as minhas peregrinações de Pyongiang a Montevideu e de Nova York a Tokyo não me fizeram esquecer tudo o que devo a Coimbra onde aprendi, de pequenino, o respeito pela universalidade das dimensões humanas do pensamento e da humanização do meio natural.

Mas não é só por especulações introspectivas que se monta uma atitude e se deduz uma posição.

A equação que a paixão pela arquitectura me propõe é a mesma que se propõe a qualquer pensador ou qualquer artista que, afinal, são a mesma coisa: que valor tem o que fazemos ou que consequência tem o que pensamos?

Na simplística e redutora classificação do mundo entre os que fazem e os que gozam, sempre me pensei como um fazedor ... talvez porque nunca ter conseguido escapar ao grande gozo de fazer.

Há, contudo, uma dimensão na maturação do arquitecto em que o julgamento sobre a validade do que faz se lhe impõe com a mesma intensidade, como imperativo ético, que tem a gratificação hedonística da manipulação dos valores formais com que trabalha.

Esse julgamento põe em causa não só os objectivos como o processo e é, por isso, inescapável.

Ambos os âmbitos, isto é, o que fazemos e como o fazemos, são mares de escolhos onde a integridade intelectual põe, ou deve pôr, em causa cada decisão.

As miragens mais propagandeadas como as grandes virtudes da arquitectura “heróica” contemporânea são, essencialmente falsas: o diferente; a masturbação tecnológica, mais propriamente classificável como tecnocrática; a primazia dada à “imaginação” sobre a sabedoria; a aceitação e promoção do monumental como expressão válida duma sociedade democrática; a idolatria do objecto como realidade arquitectónica; o desprezo pela economia de espaço, de materiais e de energia ... todos estes desvios de um pensamento coerente com a necessidade de praticar responsabilmente uma actividade que pode resultar nos impactos ambientais mais negativos, são sistematicamente obscurecidos por uma literatura mercenária disseminando uma crítica irresponsável que dominam a difusão da cultura, ou pseudocultura, arquitectónica actual.

Dois vectores têm, portanto, guiado a minha peregrinação através de uma maneira de pensar e de fazer uma arquitectura que julgo mais válida nos seus objectivos e na forma de a realizar: o significado social do que construímos e a sua validação ambiental.

Todas as outras dimensões são, se aquelas não forem asseguradas, secundárias mas, quantas vezes, perigosamente aliciantes.

Um projecto é sempre, ou tem sido para mim, uma forma de compromisso: antes de mais com a minha própria ignorância, depois com as limitações do cliente, em terceiro lugar com normativas nem sempre justas ou justificadas, depois com as limitações económicas e temporais e, finalmente, com as condições tecnológicas do meio cultural e, essencialmente, com as dimensões do meio natural.

Os projectos que vou mostrar são o resultado daqueles compromissos e do trabalho das equipas que fomos formando ao longo de muitos anos e em diferentes países, mas sobretudo em Moçambique.

São, também, uma escolha entre muitos projectos que, da mesma maneira, foram construídos mas, talvez, com menos capacidade de resolver alguns daqueles compromissos.

✕  São projectos que cobrem um arco de mais que cinquenta anos de trabalho, que não se tornaram mais simples ou mais fáceis pois não são o produto de uma qualquer rotina ou de um método abstracto e mecânico.

Resta-me apenas salvaguardar que nada do que atrás afirmei explica, ou é suficiente, para esclarecer o processo, ou o meu processo, de invenção em arquitectura.

Se, por um lado, a fundamentação teórica e científica da racionalidade e da economia, no seu sentido mais lato, são o esqueleto do conceito e da ideia, por outro lado só uma entranhada e sofrida devoção aos valores culturais e poéticos das formas e do espaço pode fazer desabrochar as

qualidades intemporais que a proporção e a escala, a luz e a sombra, a matéria e a textura realizam e revelam.

Em jeito de simplística prova poderia afirmar que não há diferença entre o esqueleto de um ser humano muito belo e o de um outro que, com as mesmas proporções, não foi dotado de uma presença física atractiva.

Arquitectura não é retórica nem campo de exercício de uma cabalística de contorções especulativamente abstractas.

Na casa do homem e do deus, que ele criou, as leis da morfologia e da ergonomia são, ainda, os parâmetros essenciais que distinguem o ambiente humanizado dos exercícios perversos que desrespeitam aquelas leis e aqueles parâmetros.

Temos atrás de nós 40.000 anos de escolhas formais e de procura das formas de realizar a contrapartida válida às formas naturais. Na arquitectura essa procura é mais difícil pois se realiza no tempo e no espaço, serve o individuo e molda o habitat da comunidade, sobrevive a gerações e altera a natureza.

A consciência destas valências e destas dimensões aumenta com a experiência e com o conhecimento.

Fazer arquitectura é, portanto, um exercício mais difícil em cada novo projecto, em cada novo patamar de inexorável consciência.

É dessa dificuldade, constantemente acrescida, que vive quem lhe toma o vicio... e o prazer.

Resta-me, agora, a coragem, e a humildade, de vos mostrar algumas obras que ao longo destes 50 anos se foram materializando à custa do trabalho de uma irmandade a quem devo e quero celebrar: os companheiros de profissão, os técnicos e os operários, sem os quais nada teria sido construído e de quem, sempre, aprendi a respeitar o esforço e a inteligência.

José Forjaz

Coimbra 11 de Dezembro de 2012

Mas antes de acabar queria